



Funcionalidade da Categoria Gramatical Advérbio: Um olhar na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística

Mirian Valverde de Jesus¹; Valéria Viana Sousa²

Resumo: Tendo em vista que a gramática funcional considera a competência comunicativa, o uso efetivo da língua, a maleabilidade da estrutura linguística diante de um desejo de maior expressividade pelo falante na *inter+ação* com o outro, o presente artigo, tem como objetivo demonstrar o quanto a língua é diversificada nas situações reais de uso e mostrar o quanto o falante a adapta às necessidades comunicativas a partir dos seus propósitos interativos. Os resultados nos levaram a observar que, na maioria dos compêndios da Tradição Gramatical, o advérbio, normalmente, é apresentado como um modificador do nome, do verbo, de outro advérbio etc. Entretanto, na Tradição Linguística, a classe gramatical advérbio vem sendo mostrada como uma classe que sofre transformações e aproxima-se de outras classes gramaticais.

Palavras-chave: Advérbio, Categoria gramatical, Tradição linguística

Functionality of Grammatical Category Adverb: a Look at Grammatical Tradition and Linguistic Tradition

Abstract: Given that functional grammar considers communicative competence, the effective use of language, the malleability of the linguistic structure in the face of a desire for greater expressiveness by the speaker in the interaction with the other, the present article, aims to demonstrate how much the language is diversified in the real situations of use and to show how much the speaker adapts it to the communicative needs from its interactive purposes. The results have led us to note that in most of the textbooks of the Grammatical Tradition the adverb is usually presented as a modifier of the name, of the verb, of another adverb, and so on. However, in the Linguistic Tradition, the adverb grammar class has been shown as a class that undergoes transformations and approaches other grammatical classes.

Keywords: Adverb, Grammatical category, Linguistic tradition

Introdução

Nessa direção, o intuito desta discussão é demonstrar, em particular, a funcionalidade da categoria gramatical advérbio, sobretudo, dos advérbios locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui*, constatando, dessa maneira, como o falante utiliza a forma gramatical já existente com novas

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPGLING, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Graduada em Letras Modernas. E-mail: mirianvalverde14@hotmail.com;

² Orientadora da pesquisa. Doutora em Letras (Língua Portuguesa e Linguística) pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários-DELL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. E-mail: valerianianasousa@gmail.com.

funções licenciadas pelo sistema linguístico, adaptando, dessa maneira, a forma linguística à função linguística que supra as necessidades comunicativas na interação entre os indivíduos.

Tradição Gramatical: Gramáticas Históricas e Gramáticas Prescritivas

As Gramáticas Históricas, assim como as Gramáticas Prescritivas, fazem parte da Tradição Gramatical. Nessa direção, para compor esse estudo, no qual é nossa pretensão traçar um panorama de advérbios, particularizando em advérbios locativos, recorreremos aos compêndios de Ribeiro (1911), Nunes (1942), Bueno (1944), Cruz (1948), Pereira (1906), Almeida (1961; 2005); Said Ali (1966; 2001), Coutinho (1975), Cunha e Cintra (1985), Infante (1999), Bechara (2005; 2006), Sacconi (1983), Rocha Lima (1998) e Luft (1978).

Nunes (1942, p.101), na lição quarta do Novo Manual de Língua Portuguesa – GRAMÁTICA, organizada por Bachelet, apresenta que “Advérbio é uma palavra invariável que serve para modificar um verbo, adjetivo ou outro advérbio” e classifica, como principais advérbios, os que fazem referência a lugar, como aqui, ali, acolá, além, aquém, acima, etc. Desses advérbios, o autor ressalta que *cá* e *aqui*, referem-se à primeira pessoa; enquanto *lá* e *ali*, às outras pessoas.

No compêndio *Prontuário de Análise Gramatical e Lógica*, o Pe. Antônio da Cruz (1948), ao apresentar o assunto advérbio limita o estudo à classificação morfológica dos advérbios, e, assim, apenas classifica os advérbios em tempo, modo, lugar, quantidade, preferência e designação.

Pereira (1958), ratificando o afirmado por Nunes (1942), reforça a ideia de advérbio ser a palavra invariável que tem por função modificar o adjetivo, o verbo e o mesmo advérbio e, ao mencionar a modificação ao próprio advérbio, acrescenta “[...] juntando-lhes alguma circunstância” (PEREIRA, 1958, p. 168). Complementa, ainda, a discussão, classificando os advérbios como palavras inflexivas que constituem a classe de palavras invariáveis, chamadas partículas e divide-as quanto ao valor sintático e semântico. Quanto ao valor sintático, o autor divide aos advérbios em:

i. Simples, isto é, como um simples advérbio, como, por exemplo, aqui, hoje, talvez etc.

ii. Conjuntivos, aqueles advérbios que acumulam o papel de conjunção na frase, como: onde, quando, como, enquanto, etc.

Quanto ao valor semântico, o gramático distribui os advérbios em classes conforme as circunstâncias que indicam, tais como: lugar, tempo, modo ou qualidade, quantidade, ordem, afirmação, dúvida, negação e designação.

Almeida (1961; 2005), em sua Gramática Metódica, reafirma, tanto na edição de 1961 quanto na edição de 2005, a concepção de advérbio em Nunes (1942). Para além disso, o autor considera o advérbio quanto à circunstância e à forma. Quanto à circunstância, diz que o advérbio pode, entre outras ideias, indicar ideia de lugar; e, quanto à forma, divide as partículas em advérbios propriamente ditos (*aqui, lá, aí*) e em locuções adverbiais (por aqui, por lá, por aí).

Para Said Ali (1966; 2001, p.140), mais uma vez como postula Nunes (1942), “O advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou do outro advérbio.” O gramático reconhece, também, no advérbio, a propriedade de estar relacionado ao conceito de tempo, lugar, modo, de negação, de afirmação, de dúvida, de quantidade e de ordem. Dialogando com as definições da classe de advérbios apresentadas nas gramáticas históricas de Said Ali (1966; 2001), observamos que, nas duas publicações, o autor nos mostra como os advérbios latinos foram originados na maior parte de nomes ou pronomes e que poucos deles passaram às línguas românicas.

Said Ali (1966; 2001) acrescenta, ainda, a informação de que as formas *cá* e *lá* ocorreram em português antigo como *ocá* e *alá* com a variante *aló* e afirma que, como estas formas têm o que ele denomina “sentido directivo”, deve-se concluir que houve a junção da preposição “a” àquelas antigas formas, e, em consequência disso, o *aí* adquiriu a inicial “a” por influência dos advérbios *aqui* e *ali*.

Coutinho (1974), em sua gramática histórica, enfatiza a origem dos advérbios e, dessa forma, postula que (1) os advérbios portugueses derivam-se do latim, como observado por Said Ali (1966; 2001), e que (2) a língua vulgar latina costumava frequentemente formar locuções com valor adverbial.

Com a mesma definição consensual a respeito de advérbio advogada por Nunes (1942), Luft (1978) categoriza, como Said Ali (1966), que advérbio constitui uma palavra de natureza (1) nominal ou (2) pronominal

Cunha e Cintra (1985, p. 529), por sua vez, abrem a discussão definindo o advérbio como “[...] fundamentalmente modificador de verbo”. Em seguida, os gramáticos acrescentam que, ainda que o escopo seja em essência o verbo, determinados advérbios exercem funções específicas como intensificador e, quando isso acontecer, esses se modificarão e modificarão também adjetivos ou, até mesmo, toda a oração.

Segundo Infante (1999, p.344), “[...] a classe gramatical dos advérbios tem sido objeto de muitos estudos e discussões entre linguistas e gramáticos”. Para o autor, isso ocorre porque muitas palavras tradicionalmente classificadas como advérbios vêm sendo segundo ele, aproximada de outras classes gramaticais. Para demonstrar o quanto alguns advérbios sofrem transformações, o gramático traz como exemplo a partícula *lá* e *aqui*, que segundo o autor, assemelham-se em muitos aspectos aos pronomes.

Bechara (2005), por seu turno, traz alguns exemplos do que ele denominou como advérbios de base pronominal, ou seja, aqueles que desempenham, na oração, papéis sintáticos ou particularidades próprias de nomes e pronomes, por exemplo:

(1) Aqui é ótimo para saúde.

O locativo *aqui*, nessa proposta de análise, é considerado como uma partícula de base pronominal, com o valor de “esse lugar” e funciona como sujeito em sentenças como (1).

Considerado pelas gramáticas tradicionais como advérbios de lugar, os advérbios *aqui*, *cá*, *ali*, *lá* são, classificados por Bechara (2005), como advérbios demonstrativos e, segundo o autor, essa classe gramatical determinam a posição das três pessoas gramaticais e como elas podem ocorrer na oração, conforme apresentado por Nunes (1942). Verifiquemos:

1ª pessoa: eu, nós.....aqui, cá

2ª pessoa: tu, você, vós, vocês.....lá, aí

3ª pessoa: ele, eles, etc.....lá ali (BECHARA, 2005, p, 81)

Essa abordagem pode ser melhor compreendida nos exemplos apresentados pelo próprio gramático a seguir:

Eu *cá* desejo que você passe

Você *lá* sabe como vai proceder

Tu *lá* tens preparo pra o serviço (BECHARA, 2005, p. 81)

Dialogando com a publicação de 2005, Bechara (2006) classifica advérbio como uma expressão modificadora do verbo que por si só denota uma circunstância (de lugar, modo, tempo, intensidade, condição etc.) e desempenha, na oração, a função de adjunto adverbial, como nos exemplos seguintes:

Aqui tudo vai bem. (lugar e modo)

Hoje não irei lá. (tempo, negação, lugar)

Segundo Bechara (2006. p. 276-277), “[...] constituindo o advérbio uma classe de palavras muito heterogênea” torna-se difícil ser atribuída a essa classe uma classificação uniforme e coerente. Para o gramático, é uma particularidade de o advérbio apresentar um papel singular que é o de flexibilidade posicional, e essa característica oferece ao advérbio o que o gramático denomina de “certa autonomia fonológica, de contorno entonacional variado, a serviço do intuito comunicativo do falante”.

O advérbio *aqui*, ao ser precedido pela preposição “por”, formando uma locução, parece ampliar a localização espacial. É veiculada, com esse uso na *inter+ação*, uma ideia de espaço mais amplo entre os informantes ao utilizarem o locativo antecedido pela preposição. Assim, ao passo que o “aqui” refere-se a um espaço determinado, que traz uma maior precisão, o “por aqui” faz referência a um espaço menos específico. Fenômeno equivalente acontece com o advérbio “agora”, na função temporal, em exemplos como “Cheguei agora” x “Cheguei por agora”, no qual esta alternativa, que conta com a preposição “por” preposta ao advérbio “agora”, parece ampliar o espectro temporal em relação àquela.

Ademais, nos textos de Ribeiro (1911), Bueno (1944), Rocha Lima (1972), e Sacconi (1983), a definição e a classificação dos advérbios é, a rigor, praticamente a mesma, a saber: os advérbios são definidos apenas como palavras modificadoras do verbo e estão classificadas como pertencente à dúvida, intensidade, lugar, modo ou tempo.

Diante do discutido nesta seção, ao analisarmos as gramáticas pertencentes à Tradição Gramatical, encerramos a presente seção e passemos para a análise dos locativos, na qual serão apresentadas classificações de advérbios na ótica da Tradição Linguística.

Tradição Linguística: análise dos locativos nas Gramáticas Descritivas

Após analisarmos os advérbios sob a ótica da Tradição gramatical, acreditamos ser necessário lançarmos um outro olhar, agora na Tradição linguística a fim de compreendermos a complexidade dessa categoria gramatical.

Nessa perspectiva, iniciaremos nossos estudos das gramáticas descritivas, trazendo a definição de advérbio de acordo com os seguintes autores: Perini (1998; 2010), Azeredo (2000; 2008), Vilela e Koch (2001), Ferrarezi Junior e Teles (2008) e Vitral (2017).

Perini (1998), ao iniciar seus estudos referentes ao item advérbios na “Gramática Descritiva do Português Brasileiro”, afirma que os estudos trazidos nas Gramáticas tradicionais contemplam apenas estudos parciais, pois a definição tradicional foca somente na propriedade modificadora do advérbio e isso, segundo o autor, impossibilita ter uma visão mais ampla das diversas classes de advérbios. Segundo o linguista, é necessário definir cada classe em termos do que denomina como “potencial funcional”. Dito isso, o autor oferece uma sugestão de análise tomando apenas um grupo de palavras tradicionalmente chamadas de advérbios, tais como: não, rapidamente, completamente e muito, que são classificadas como advérbios e subclassificadas de acordo com um critério semântico, ou seja, de negação, de modo e de intensidade.

Azeredo (2000), por sua vez, define o advérbio como um elemento que faz parte de um grupo de palavras invariáveis e, portanto, é possível, assim, definir por advérbio toda palavra invariável que serve de núcleo a um sintagma adverbial. Segundo ele, os advérbios exprimem basicamente posições temporais (advérbios de tempo), que são relativamente um ponto convencional na linha do tempo, como cedo, tarde, hoje, amanhã, aí, logo, e posições espaciais, que relativamente refere-se a um ponto convencional no espaço seja ele físico ou textual: aqui, aí, ali, lá, acolá, acima abaixo. Chama-nos a atenção o fato de *aí* ser considerado, por Azeredo (2000), como advérbio de posição espacial, físico ou temporal.

Vilela e Koch (2001), ao afirmarem que a gramática é polissêmica, ressaltam que os advérbios, além de modificarem os verbos, modificam, também, os adjetivos e outros advérbios ou enunciação. Definição que encontra amparo na Tradição gramatical. Quanto à classificação, os autores pontuam que, na classe advérbio, há nomes (hoje, amanhã, ontem...), e há o que eles definem como pronomes (aqui, aí, ali, onde) e, ainda segundo eles, a subclassificação dos advérbios deve obedecer a critérios semânticos, que é justamente o que eles chamam de enquadramento. É válido ressaltar que Vilela e Koch (2001), diferentemente de outros autores,

acrescentam outras categorias e relacionam essas categorias aos advérbios expostos a seguir.

Vejamos:

Inclusão: até, mesmo, também

Exclusão: só, apenas, somente, salvo

Designação: eis

Interrogação: por que (causa), como (modo), onde (lugar), quando (temporal).

Além dessas questões apresentadas, Vilela e Koch (2001) afirmam sobre advérbios que eles podem servir de pró-palavras, pró-frases e pró-textos, catafórica ou anaforicamente. Para demonstrar tal afirmação, os autores trazem o seguinte exemplo:

(2) “A filha foi passear dez dias no Alentejo. Só então, os pais foram para as férias” (VILELA; KOCH, 2001, p.254)

Segundo eles, são advérbios pronominais aqueles que se aproximam das conjunções e se dividem em demonstrativos (aqui, lá, aí, então, outrora, etc.), interrogativos (onde, quando, daí, como), ou simples advérbios (em cima, embaixo). E, ainda segundo os autores, alguns desses advérbios fornecem o que eles chamam de reforço situativo-comunicativo importante e, de posse dessa função, os advérbios atuam nas sentenças como elementos de reforço.

Observemos:

(3) “Cá no Porto, lá em Lisboa, vá para fora, Cá dentro!” (VILELA; KOCH, 2001, p.254)

Dizem, ainda, que os advérbios pronominais também podem ser chamados de conjuncionais, tendo em vista a função de coordenarem as frases. Entretanto, os autores reforçam que os chamados advérbios pronominais não podem confundir-se com as conjunções coordenadas, pois os advérbios são elementos frásicos, e as conjunções são elementos interfrásicos. Tal afirmação é possível ser constatada nos exemplos trazidos pelos autores:

(4) “O trem chegou atrasado, daí a maior parte da turma faltar à aula”

(5) “A maior parte da turma faltou à aula, pois o comboio chegou atrasado” (VILELA; KOCH, 2001, p.254)

Nas frases (4) e (5), os autores consideram que “daí” é o mesmo que “por causa disso”, ou seja, é advérbio conjuncional que exerce função na sentença semelhante à conjunção “pois”. Os autores afirmam, ainda, que, por outro lado, as partículas *então*, *assim*, *ainda*, *logo*, *já* etc. funcionam como advérbios dentro da subclasse tempo, mas também podem, segundo eles, transportar valores diferentes como nas seguintes sentenças que eles apresentam no texto:

- (6)“Quando eles saíram ela ainda ficou”
- (7)“Ainda o bolo estava quente já ela o queria comer”
- (8)“Eu saio já/ Eu saio logo”
- (9)“Mal houve silêncio, logo ela saiu”
- (10)“Ela sentiu-se e ainda não recuperou” (VILELA; KOCH, 2001, p.254-255)

A respeito das locuções adverbiais, defendem que essas podem ser consideradas como enunciados construídos a partir de advérbios e, assim, segundo eles:

Os advérbios (e os adverbiais) situam os estados de coisas ou entidades que nele participam de modo muito concreto. Tomemos como exemplo a direção: lá dentro, de lá de dentro, lá detrás, ir lá pra fora, ir para fora, cá dentro, chega aqui/cá, chega-te para lá, ir para a cama, ir por aí afora, ir lá dentro etc. (VILELA; KOCH, 2001, p. 255).

Ferrarezi Junior e Teles (2008), com relação aos advérbios, asseguram que a categoria tem sido classificada de maneira errônea pela Tradição gramatical como nomes. De acordo com os pesquisadores, todos os nomes da língua são flexionáveis, pois fazem parte de um processo de concordância. Para eles, por não participar de nenhum processo de concordância, o advérbio não é considerado como flexionável e, assim, configura-se como uma classe distinta de palavras, ou seja, os advérbios não são nomes, não são verbos e não são conectivos.

Azeredo (2008), reconhece que a classe gramatical advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. O autor inicia a classificação do advérbio, pontuando que as características típicas dessa classe vão além do que ele denomina de invariabilidade formal, ou seja, advérbio também exerce função modificadora em relação ao termo que ele modifica. Sendo assim, afirma que existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio e diz que, na maioria das vezes, em que empregamos essas subclasses, é justamente para localizarmos no tempo ou no espaço os objetos a que nos referimos nos discursos.

Perini (2010), em sua obra “Gramática do português brasileiro” passa a ter preferência pelo termo adverbiais ao invés de advérbio, em função do que afirmou na obra “Gramática Descritiva do português Brasileira” publicada na década de 90, sobre as várias classes de palavras que a classe adverbial comporta. Denominá-los, então, como adverbiais é reconhecer a heterogeneidade presente nessa categoria.

Para o autor, na gramática tradicional, fala-se de advérbios de modo, de tempo, de lugar etc. entretanto, nos termos usados por Perini (2010), os tipos elencados de advérbios

correspondem ao que ele denomina de papéis temáticos que podem ser expressos pelos adverbiais.

O autor chama atenção que os adverbiais possuem propriedades importantes, pois segundo ele, o que temos não é uma classe de palavra que possa ser denominada de advérbio, mas várias e diferenciadas classes que possuem propriedades importantes tais como: a posição e o escopo. Assim, para o linguista:

O posicionamento de um adverbial depende de ser ele complemento ou adjunto; de estar vinculado sintaticamente a um verbo ou a um nominal; e também do seu escopo. (PERINI, 2010, p. 318)

Dito isso, Perini (2010) traz exemplos como:

(11)“O Tomás morava em Campinas.”

(12)“O Tomás mora com os quatro filhos”. (PERINI, 2010, p. 318)

A locução SA adverbial que estava na posição final a exemplo das sentenças (11) e (12), passa a ser utilizada após o SN (sintagma nominal) e o SV (sintagma verbal) que funcionam como complemento, que, segundo o autor, podem ocorrer antepostos ao sujeito+verbo, como em:

(12) “Com os quatro filhos, o Tomás mora (mas não viaja com eles)” e, em outros casos, o deslocamento torna a sentença agramatical, a exemplo de:

(11) “O Tomás em Campinas morava”.

Vitral (2017), em sua gramática recém-lançada “Gramática inteligente do português do Brasil”, considera que os advérbios funcionam como núcleos de constituintes que desempenham a função de modificador e, por sua vez, divide os advérbios em dois grandes grupos. Um funciona igualmente como um adjetivo, ou seja, as propriedades e características do advérbio são transferidas para uma oração, um adjetivo ou outro advérbio como é possível observar nos exemplos trazidos pelo autor:

(12)“Nós comemos mal naquele dia”

(13)“Carminha corria apressadamente”

(14)“Felizmente, chegou o dinheiro para a reconstrução da cidade”

(15)“A diretora anda muito feliz”

(16)“Depois do jogo, Neymar andava bem lentamente”

Portanto, de acordo com o autor, o advérbio *mal* qualifica negativamente o evento correspondente à oração “Nós comemos naquele dia”. Na oração “Carminha corria apressadamente”, o advérbio *apressadamente* indica a maneira como Carminha corria, e o advérbio *felizmente*, na oração “Felizmente chegou o dinheiro para a reconstrução da cidade”, sinaliza a opinião ou avaliação do falante sobre o evento ter chegado o dinheiro para reconstrução da cidade. No caso da oração “A diretora anda muito feliz”, o uso do *muito* traduz um advérbio que vai atuar sobre o adjetivo feliz expressando intensidade. Já o advérbio *bem* age sobre a palavra *lentamente*, que é outro advérbio, que, indica portanto, intensidade também.

Quanto aos advérbios do segundo grupo, o autor ressalta que eles apresentam diversidade de significados estabelecendo relações de significação com orações, com nomes ou com adjetivos. Segundo o autor, os advérbios contribuem em vários sentidos nas sentenças, por exemplo:

(17) para precisar o tempo e o lugar, como nos casos dos advérbios *ontem* e *aqui* nas seguintes orações:

“Carlinhos me devolveu o boné ontem”

“Aqui você pode tomar refrigerante à vontade”

(18) para negar ou afirmar:

“Não vou convidar todos os colegas”

“A psicóloga avaliou o João como não adequado para o emprego”

(19) para destacar um nome:

“A diretora chamou só o Pedro”

“Até meus pais estavam dançando na festa”

(20) para indicar a ideia de aproximação em relação à realização de um evento:

“Eu quase consegui a bolsa de estudos”

(21) para exprimir inclusão, que fica a cargo do advérbio:

“Os terremotos arrasadores também não existem no Brasil”

Sendo assim, Vitral (2017) conclui que, apesar dessas diferenças de significado entre os dois grupos de advérbios, os advérbios funcionam como núcleo de constituintes que desempenham a função de modificador.

Em linhas gerais, na análise dos advérbios à luz da Tradição Linguística, podemos afirmar que houve os seguintes acréscimos ao prescrito na Tradição Gramatical:

- i) Os autores reconhecem a heterogeneidade presente na classe dos advérbios;
- ii) Os adverbiais possuem propriedades importantes como posição, escopo e papel temático
- iii) Advérbio é uma palavra invariável que atende ora a um núcleo ora a um sintagma adverbial e, assim, as propriedades ou características do advérbio são transferidas para uma oração inteira, para um adjetivo ou para outro advérbio
- iv) A marca “categorial” do advérbio é a de modificar o verbo, a frase, o adjetivo, o próprio advérbio ou a enunciação
- v) Advérbios são palavras que apresentam um único comportamento gramatical, que se caracteriza pela relação de regência com NA, verbos e os próprios AV, e pelo fato de os AV serem inflexionáveis, mas deriváveis em grau
- vi) Apresentam uma grande diversidade de significados e estabelecem relações de significado com orações, com nomes ou com adjetivos

Advérbios locativos: dialogando com alguns teóricos

Neves (2002), no texto “Os advérbios circunstanciais da Gramática do português falado”, compreendendo a complexidade e a heterogeneidade da classe dos advérbios, como é estabelecida pelas gramáticas, propõe-se a investigar o comportamento dessa categoria.

Entretanto, afirma que, no estudo apresentado não visa discutir a legitimidade da inclusão ou não de determinados elementos na classe adverbial, mas, antes de tudo, partir do princípio de que “[...] de qualquer forma, a descrição do uso dos chamados “advérbios de lugar” e “advérbios de tempo” deve estar abrigada na gramática, seja qual for a taxionomia consagrada”. (p.249).

Segundo Neves (2002, p.250), inicialmente, consideram-se os advérbios de lugar e tempo, como categorias dêiticas, ou seja, que provêm por referência ao “[...] falante-agora, que é o complexo modo-temporal que constitui o ponto de referência do evento de fala. Entenda-se na dêixis, a referenciação de um segmento significante a um estado de fato, a partir de coordenadas estabelecidas no enunciado”.

Além disso, Neves (2002) classifica os advérbios de lugar em fóricos (pro advérbios de lugar) que referem-se à circunstância, mas, segundo a autora, esses tipos de advérbios não

exprimem a indicação circunstancial substancial, a qual se recupera, tais como em enunciados do tipo:

(22) isto seria a Espanha...e aqui...a França (EE-SP-405:49.44)

(23) eu não conheço um professor que ensine em apenas um lugar já começa por aí, certo? (D2-RJ-355:4.10-11)

Neves (2002), entretanto, afirma que, embora os advérbios fóricos indiquem circunstância, por definição semântica, “[...] atuam na esfera dos participantes no que se refere à relação com o eixo falante/ouvinte (circunstanciação é referida aos participantes do discurso ou a pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial” (p. 252).

Quanto aos advérbios classificados por Neves (2002) como Não-fóricos, a estudiosa afirma que estes efetuam a expressão da circunstância de lugar a exemplo de dentro/fora, ou seja, ralação de inclusão/exclusão. Além disso, aponta que, se há referenciação fórica do sintagma (seja exófora, ou motração, seja endófora) ela tem expressão no Sprep, complemento (apagável).

Gramaticalização dos locativos: uma análise sob a ótica de alguns estudiosos/teóricos

Nogueira (2007) verificou que os locativos aqui, aí, ali e lá podem exercer tanto a função de argumento como a função de satélite em uma oração e, segundo a pesquisadora, apesar de os locativos apresentarem grande mobilidade na oração, foi observado que, quando eles assumem a função de argumento, tendem a permanecer após o verbo, ao contrário de, quando possuem a função de satélite, que apresentam um comportamento mais livre. Nogueira (2007) afirma ainda que o plano narrativo favorece o aparecimento de locativos com a função de satélites, já que esses estão relacionados aos EsCos de Ação e Processo e esses EsCos apresentam verbos mais dinâmicos, enquanto os locativos com função de argumento estão mais concentrados no plano Comentário, que favorece o aparecimento de EsCos de Posição e Estado, que são menos dinâmicos.

Realizadas essas considerações, Nogueira (2007) conclui, em sua pesquisa, que os locativos adverbiais não podem ser apenas considerados como meros acessórios em uma oração, pois, segundo a pesquisadora, as funções dos locativos adverbiais vão além e, assim, eles podem ser argumentos de predicado, enquanto dêiticos, e também conector de texto, como

é o caso do locativo aí, quando não é um locativo prototípico. A autora constata, ainda, em seus resultados, que o locativo aí, quando está na posição inicial, aparece com muita frequência com a função de conector de texto ou marcador discursivo.

Maciel (2013), em sua dissertação, “Advérbios Temporais: Descrição e análise do comportamento sintático e semântico nos Jornais A Tarde da Bahia e O Globo do Rio de Janeiro”, após realizar uma apresentação do tema por meio de gramáticas de orientação normativa, toma, como suporte teórico, pressupostos da corrente funcionalista para analisar o gênero notícia, nos *corpora* dos jornais A TARDE e O GLOBO. Segundo a pesquisadora, por esses *corpora* apresentarem o uso real de língua, é possível ampliar as prescrições tradicionais sobre as classes dos advérbios e pesquisar aspectos sintáticos e semânticos que envolvem os usos dos advérbios de tempo em jornais veiculados em duas regiões diferentes do Brasil.

A pesquisadora afirma, ainda, que, por serem limitadas as prescrições gramaticais que contemplam esse tipo de advérbio, é necessário investigar em que posições sintáticas os advérbios temporais são licenciados, além de analisar a influência de fatores linguísticos na sua ordenação a fim de constatar se há ou não diferenças de usos quanto à ordem dos advérbios nos dois jornais, pois, segundo a pesquisadora, por se tratar de um uso real de língua é possível demonstrar peculiaridades que caracterizam o comportamento do advérbio temporal.

Motivada por essa investigação, Maciel (2013) norteou sua pesquisa tendo como objetivo descobrir (1) se, em posição pré ou pós-verbal, o advérbio modificaria o verbo, (2) que tipo de modificação ocorre nas sentenças, (3) se o advérbio que ocorre no início ou meio de uma sentença tem o mesmo estatuto de um advérbio que ocorre no final, (4) se um advérbio simples tem o mesmo comportamento de uma locução adverbial e (5), por fim, se todo e qualquer advérbio de tempo denota apenas um tipo de circunstância temporal.

Nessa perspectiva, Maciel (2013) hipotetiza que:

“[...] os advérbios temporais devem se posicionar variavelmente em diferentes lugares de uma sentença, devendo ocorrer, preferencialmente, nas posições periféricas, às margens das sentenças, uma vez que eles não têm a propriedade exata de modificar, mas apenas indicar circunstâncias temporais específicas; que as posições dos advérbios não são determinadas aleatoriamente, e sim influenciadas por fatores como: forma do advérbio, tempo do verbo e função semântica do advérbio.” (MACIEL, 2013, p. 15)

Para realização da sua pesquisa, Maciel (2013) faz um levantamento em que considera apenas os advérbios temporais não-oracionais, constituídos por formas simples (uma só

palavra) e composta (duas ou mais palavras, denominada tradicionalmente de locução adverbial), que dispunham de maior liberdade na sentença, mesmo estando posicionados em diferentes lugares e, assim, lança mão do critério da mobilidade. Segundo a pesquisadora, esse tipo de advérbio tem um comportamento sintático-semântico diferenciado e não modifica uma categoria em particular, como é, a rigor, definido pelas gramáticas normativas.

Maciel (2013) conclui sua análise afirmando que seu estudo nos possibilita compreender o funcionamento real do comportamento sintático e semântico do advérbio temporal e ratifica que o ensino dessa categoria gramatical deve ser revista e não deve ser pautado apenas nas definições apresentadas pelas gramáticas de orientação normativa.

Xavier (2017), por sua vez, na dissertação “Uso de advérbios locativos em *leads* dos Jornais *Folha de São Paulo* e *A Tarde*: uma abordagem morfossintática e semântica”, tendo como suporte teórico estudos linguísticos de base funcionalista, a pesquisadora traçou como objetivo investigar propriedades morfossintáticas e semânticas que envolvem o uso prático de advérbios locativos em *leads* dos Jornais *Folha de São Paulo* e *A Tarde*, a fim de demonstrar que, nas situações reais de uso, a classe gramatical advérbio, diferente do que propõe as gramáticas de orientação normativas, desempenham um comportamento multifuncional e, portanto, faz-se necessário um estudo das propriedades dos advérbios que envolvam tanto seu caráter morfossintático e semântico, como também sejam identificados se os locativos ocupam lugares fixos ou se são móveis na sentença. A partir disso, a pesquisadora, considerando, a mobilidade posicional, a composição morfológica e o aspecto semântico dos locativos, desenvolve a sua pesquisa.

Segundo Xavier (2017), a colocação de um determinado item linguístico (um advérbio locativo), a depender da posição sintática que ele ocupe em uma determinada sentença, não será aleatória, pois as regras (sejam aquelas prescritas ou não) variam e as estruturas linguísticas não são autônomas. As estruturas linguísticas, na verdade, são flexíveis, dinâmicas e satisfazem os interlocutores em suas práticas comunicativas, como preconiza o Funcionalismo, teoria abordada por nós na seção Fundamentação Teórica

Quanto ao estudo sobre a mobilidade posicional dos locativos, Xavier (2017) comprova que a mobilidade não é limitada nem aleatória. Segundo a pesquisadora, ao contrário do que é proposto, o advérbio pode ocorrer em diferentes lugares de uma sentença e essas posições são influenciadas por diversos fatores, tais como a intenção do falante e a função sintática que o advérbio locativo exerce na oração.

De acordo com os resultados obtidos em sua pesquisa, Xavier (2017) afirma que, na condição de adjunto adverbial, os locativos apresentam um comportamento mais livre, podendo ocorrer na posição medial (entre sujeito e predicado, entre verbo e complemento), bem como na posição inicial e final da sentença, e, ainda, na condição de adjunto adnominal.

Quanto à composição morfológica dos advérbios, Xavier (2017) registrou apenas advérbios formados por estruturas compostas, as chamadas locuções adverbiais. Entretanto, a pesquisadora afirma que esperava, inicialmente, também encontrar advérbios em sua forma simples, o que não se confirmou.

Quanto ao aspecto semântico, Xavier (2017) identificou três propriedades: (i) locativos que denotam espaço físico, (ii) locativos não físico e (iii) locativos que são ambíguos, denotando mais de um sentido.

Ao comparar os dois jornais, Xavier (2017) observou que, além de adjunto adverbial, os locativos desempenham outras funções não previstas pelas gramáticas de orientação normativa, como a de adjunto adnominal e de complemento verbal, demonstrando que o uso dos locativos pode ocorrer em diferentes lugares de uma sentença. Além disso, esses posicionamentos influenciados pela função sintática que exercem na oração são utilizados em sua forma composta e apresentam nuances semânticas como a de espaço físico, não físico e ambíguo. Xavier (2017) verificou também diferenças de uso dos advérbios nos dois jornais, principalmente referentes ao fator traço semântico.

Com essas constatações, a pesquisadora conclui que os circunstanciais, especialmente, os locativos, não podem ser compreendidos como um termo acessório e desnecessário, mas devem ser considerados como uma classe gramatical que apresenta uma funcionalidade relacionada a fatores diversos e que o uso dessa classe gramatical é determinado pelos propósitos comunicativos dos interlocutores.

Considerações Finais

Ao findar nosso estudo sobre o uso dos advérbios, sobretudo os locativos, e as funções que eles ocupam em determinadas sentenças e em diferentes contextos, com base na teoria Funcionalista e Variacionista, é possível observar que, embora a maioria dos teóricos/gramáticos concorde que a classe gramatical advérbio, sobretudo os locativos, requer

uma análise mais detalhada, nos estudos acerca dos advérbios locativos, é possível observar que, na maioria dos compêndios da Tradição Gramatical, o advérbio, normalmente, é apresentado como um modificador do nome, do verbo, de outro advérbio etc. Entretanto, na Tradição Linguística, a classe gramatical advérbio vem sendo mostrada como uma classe que sofre transformações e aproxima-se de outras classes gramaticais. Tendo em vista essa assertiva, concluímos que, nosso estudo contribui de maneira significativa para estudos e pesquisas que contemplam o uso dos advérbios locativos.

Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 13ª edição. São Paulo, 1961.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45. ed. São Paulo, 2005.
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 2000.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss de Língua Portuguesa*. São Paulo: ed. Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Ed. Livraria Acadêmica, Lg. São Paulo, 1944.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, M. A.F.; MARTELOTA, M.E.; OLIVEIRA, M.R.. *Linguística funcional: teoria e prática*. . São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CRUZ, Pe Antônio. *Prontuário de Análise Gramatical e Lógica*. 2. ed. Editora Vozes LTDA, Rio de Janeiro- São Paulo, 1948.
- MACIEL, Viviane Purcina de Santana. *Advérbios Temporais: Descrição e análise do comportamento sintático e semântico nos jornais A Tarde, da Bahia, e O Globo, do Rio de Janeiro*. Ilhéus, 2013.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão Geral da Gramática Funcional*. Alfa, São Paulo, 38, p. 109-127, 1994.

- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
A gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NOGUEIRA, Raquel Marcondes. *Valores e funções dos advérbios locativos no português popular brasileiro*. Programa de Pós Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa (Mestrado), Universidade de São Paulo – USP, 2007.
- NUNES, José de Sá. *Novo Manual de Língua Portuguesa*. São Paulo: ed. Paulo de Azevedo LTDA. 1942.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva*. 109.^a edição. Compainha Editora Nacional. São Paulo, 1958.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábolo Editorial, 2010
- RIBEIRO, Dr. Ernesto Carneiro. *Elementos de gramática portuguesa*. 6. ed. Bahia, 1911.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.
- SACCONI, Luís Antônio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 5 ed. São Paulo: Atual, 1983.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- VILLELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. ed. Livraria Almedina Arco de Almedina. Coimbra- Portugal, 2001.
- VITRAL, Lorenzo. *Gramática inteligente do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.
- XAVIER, Adriana Castro. *O uso de advérbios locativos em leads dos jornais Folha de São Paulo e A Tarde: uma abordagem morfossintática e semântica*. Ilhéus, 21/02/2017.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

JESUS, Mirian Valverde de; SOUSA, Valéria Viana. Funcionalidade da Categoria Gramatical Advérbio: Um olhar na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 683-699. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 13/02/2019

Aceito 18/02/2019.